

# O REMO DE MULHERES NOS CLUBES DE REGATAS PAULISTAS (1920-1930)

## *Women's rowing in paulista regatta clubs (1920-1930)*

*Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros<sup>1\*</sup>*

*Catharina Ulian Musa<sup>2\*\*</sup>*

*Evelise Amgarten Quitzau<sup>3\*\*\*</sup>*

### RESUMO

Esse trabalho objetiva investigar a prática do remo pelas mulheres nos clubes de regatas paulistanos e campineiros entre as décadas de 1920 e 1930, momento de crucial esportivização dessa prática no Brasil. A literatura disponível no Brasil sobre o tema é escassa e não retrata a presença das mulheres nessa prática. Assim, impõe-se a seguinte questão: as mulheres remavam no período analisado? A partir de uma investigação histórica que tomou jornais, revistas e publicações mensais produzidas pelos clubes de regatas, foram encontradas diferentes associações entre remo e mulheres. Parte das fontes analisadas retratava práticas não esportivizadas, como o batismo de barcos; outras retratavam ações internas aos clubes, como passeios e festividades; poucas foram as menções a torneios oficiais no período. Dessa forma, conclui-se que, no período recortado, não houve uma ausência das mulheres na prática do remo e sim uma falta de incentivo às competições, por parte dos clubes e das federações.

*Palavras-chave:* História do esporte; esporte de mulheres; remo.

1 \* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2021) e mestre pela mesma instituição (2016). Possui licenciatura em Educação Física (2012) também pela Unicamp. Atualmente é professora do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Superior de Educación Física, da Universidad de la República, Uruguai. Contato: danielemedeiros.ef@gmail.com

2 \*\* Mestranda em Educação pela UNICAMP. É integrante do FOCUS – Grupo de pesquisa sobre Educação, Instituições e Desigualdade, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp. Seus interesses de pesquisa estão vinculados aos estudos da história do esporte, história dos esportes na natureza, educação pela natureza e práticas ao ar livre. Contato: catharinaulianmusa@gmail.com

3 \*\*\* Doutora em Educação pela Unicamp (2016). Docente do curso de Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa. É pesquisadora associada Nível 1 do Sistema Nacional de Investigadores da Agencia Nacional de Investigación e Innovación (SNI/ANII), Uruguai. Contato: eveliseaq@yahoo.com.br

## ABSTRACT

This paper investigates the practice of rowing by women in regatta clubs in São Paulo and Campinas between the 1920s and 1930s, a time of crucial sportization of this practice in Brazil. The literature available in Brazil on the subject is scarce and does not portray the presence of women in this practice. Thus, the following question is posed: did women row in the analyzed period? Different associations between rowing and women were found from a historical investigation that took newspapers, magazines, and monthly journals produced by the regatta clubs. Part of the sources analyzed portrayed non-sportives practices, such as the baptism of boats; others portrayed clubs' internal activities, such as boat excursions and festivities; there were few mentions of official tournaments in the period. Thus, in this period, it is possible to conclude that there was no absence of women in the practice of rowing, but a lack of incentive for competitions, by clubs and federations.

*Keywords:* Sport history; women's sport; rowing.

## Introdução

Embora as mulheres só tenham sido introduzidas nos programas internacionais competitivos de remo em 1974, com a realização do primeiro torneio mundial feminino da modalidade, elas sempre se fizeram presentes nesse esporte (SCHWEINBENZ, 2010; TAYLOR, 2018a; 2019). Entretanto, assim como ocorrido com diversas outras modalidades esportivas, a história do remo é contada preferencialmente sob um olhar da competitividade masculina (SCHWEINBENZ, 2010).

O remo foi uma modalidade que, historicamente, se relacionou com a difusão de ideais amadores e masculinos. Sua prática foi associada ao desenvolvimento físico e moral de seus praticantes. Mais fortes, mais saudáveis, mais ávidos, mais audazes, mais determinados: esses eram alguns dos ideais amplamente difundidos sobre esse esporte ao redor do mundo (HALLADAY, 1990).

No Brasil, o remo foi uma das primeiras modalidades esportivas a se desenvolver. Sua alcunha de “esporte moderno” se associava perfeitamente aos intentos das grandes cidades brasileiras dos finais do século XIX e início do XX, o que fez com que sua prática fosse rapidamente estabelecida

nesse momento. Esse esporte se configurava como uma diversão saudável e começou a ser praticado em cidades como Rio de Janeiro (MELO, 1999), Porto Alegre (SILVA, 2011), São Paulo (MEDEIROS, 2021) e Campinas (MUSA; MEDEIROS; SOARES, 2021).

Os principais incentivadores dessa modalidade foram os clubes de regatas que se constituíram nessas cidades, sendo responsáveis por organizar páreos, corridas e competições. Ao redor do mundo, os clubes foram locais importantes de institucionalização e burocratização das práticas esportivas, difundindo ideias e sistemas de valores comuns necessários à realização dessas práticas (ARNAUD, 1986). No Brasil, foi a partir da iniciativa desses mesmos clubes que se formaram as Federações de Remo, fundamentais para o desenvolvimento da modalidade e estabelecimento das regras comuns.

Em São Paulo, inúmeros clubes de regatas foram fundados desde o final do século XIX; estima-se que havia mais de vinte clubes às margens do rio Tietê até o final da década de 1930 (NICOLINI, 2001). Em Campinas, o representante da modalidade foi o Clube Campineiro de Regatas e Natação (CCRN), inaugurado em 1918 no distrito de Sousas (MUSA; MEDEIROS; SOARES, 2021). Esses clubes tinham em comum o objetivo principal de promover esportes náuticos, especialmente o remo.

Os clubes paulistanos gozaram de bastante relevância nas primeiras décadas do século XX. Além de organizadores das competições, tiveram crucial importância no desenvolvimento esportivo da cidade de São Paulo (MEDEIROS; DALBEN; SOARES, 2022). Em Campinas, o CCRN rapidamente se estabeleceu como um dos maiores clubes esportivos da cidade (MUSA; MEDEIROS; SOARES, 2021).

Mediante essa popularidade do remo e dos clubes de regatas paulistas nas primeiras décadas do século XX, faz-se o questionamento: as mulheres, associadas a esses clubes, remavam? Considerando essa pergunta-problema, o objetivo desse artigo é investigar as práticas de remo de mulheres nos clubes de São Paulo e Campinas, entre as décadas de 1920 e 1930. Os clubes selecionados para a pesquisa foram: Clube Esperia, Associação Atlética São Paulo, Clube de Regatas Tietê e Clube Campineiro de Regatas e Natação. Compartilhamos aqui a ressalva de Lisa Taylor (2018b), no sentido de que não buscamos escrever uma história fundacional do remo praticado por mulheres em São Paulo, mas, sim, contribuir para a ampliação da compreensão sobre o tema a partir de um olhar sobre como as mulheres paulistas são retratadas (ou silenciadas) nas fontes identificadas até o momento.

O recorte temporal engloba as décadas de 1920 e 1930, período de amplas transformações na prática do remo no estado de São Paulo. Embora internacionalmente esse esporte já gozasse de regras bem delimitadas e de federações constituídas (HALLADAY, 1990), foi nesse período que uma prática mais esportivizada começou a ser realizada no estado. De acordo com Gois Jr. (2017), os esportes chegaram a São Paulo com regras já estabelecidas, mas a (in)disponibilidade de materiais, espaços e atletas exigiu diversas adaptações. No remo isso não foi diferente e, ao longo dessas duas décadas, os clubes, associados às Federações, implementaram diversas transformações na tentativa de tornar essa prática mais esportiva (MEDEIROS, 2020; 2021).

O intuito desse trabalho, ao observar exatamente o período em que houve uma maior especialização dessa prática, é procurar indícios desta esportivização entre as mulheres. Estariam as Federações também interessadas em incentivar a prática competitiva feminina? Os clubes de regatas consideravam as remadoras de fato atletas? Ou o remo — se praticado pelas mulheres — era encarado, institucionalmente, apenas como um divertimento? A hipótese que esse artigo levanta é que, embora as mulheres sejam parte da história do remo paulistano, houve uma falta de incentivo ao remo competitivo e federado ao longo das décadas estudadas.

As informações encontradas a respeito da prática do remo de mulheres, no período recortado, foram divididas em duas categorias: de um lado, analisaremos a participação indireta das mulheres nesse esporte, ou seja, a forma como as mulheres eram representadas como torcedoras ou responsáveis pelo batismo dos barcos. A segunda categoria engloba a prática esportiva das mulheres, que remavam ora de forma recreativa, ora de forma competitiva.

## *Metodologia*

Historicamente, o esporte se constituiu como um bastião de heteronormatividades, pois grande parte das práticas era associada à coragem e à força (FEREZ, 2012; VIGARELLO, 2013). No remo isso não foi diferente, já que esse esporte foi tradicionalmente atrelado às ideias de

virilidade masculina. A intenção desse trabalho é contar essa história sob outra ótica, a das mulheres.

Assim, a história das remadoras paulistas não deve partir dos mesmos pressupostos de uma historiografia tradicional e dominante. Isso significa que não basta colocar as mulheres como objeto central da investigação em história do esporte; é necessário um diferente fazer historiográfico, reescrevendo-o segundo os principais pontos de virada que afetam as mulheres (SILVEIRA; QUITZAU, 2020; GOELLNER, 2007; SCHWEINBENZ, 2010).

Perrot (2005) afirma haver inúmeras fontes de pesquisa historiográfica em que as mulheres são nada mais do que silêncios. Há silenciamento de suas narrativas em arquivos públicos, em atos de administração e poder, em arquivos privados que envolvem os “grandes homens de seu tempo”. Pode-se somar a isto a composição dos acervos de clubes e federações, que silenciaram os feitos das mulheres esportistas.

Johnes (2015), assim como Booth (2006), interpreta que os arquivos esportivos são “metáforas do poder”, ou seja, locais em que os clubes armazenam determinadas informações sobre si que corroboram a versão que querem contar de sua história. Isso significa que a grande maioria dos documentos armazenados são compêndios da história do clube, utilizados para engrandecer seus feitos, heróis e conquistas. Em geral, a história dos feitos das mulheres fica subjugada em meio ao intento dos clubes de preservar suas próprias memórias, e é papel do pesquisador procurar por novos indícios presentes nesses acervos.

Nos clubes ora investigados, muito pouco havia sobre as competições femininas de remo. Nada nas paredes dos acervos, recheadas de fotografias das embarcações vencedoras, tampouco na sala de troféus cheia de premiações históricas do remo paulistano, vencidas tanto no estado de São Paulo quanto internacionalmente. A busca pelos indícios das práticas realizadas pelas remadoras foi minuciosa e envolveu a leitura e a releitura de revistas criadas pelos clubes, ou a busca por fotografias que não ocupavam lugar de destaque nos acervos. Assim, foram utilizadas como fontes as revistas do Clube Esperia, do Clube de Regatas Tietê e as fotografias da Associação Atlética São Paulo.

Além dos acervos dos clubes e dos materiais neles encontrados, foram também utilizados jornais e revistas que circularam no período investigado. De acordo com Vigarello (2008b), os jornais foram importantes veículos de difusão das práticas esportivas mundo afora, com suas novas

narrativas, pautadas nas emoções suscitadas e na criação de mitos e heróis. Ao mesmo tempo, o esporte foi capaz de movimentar o mercado de jornais e revistas, dado seu amplo consumo pela população.

Mathias e Rubio (2010) consideram os periódicos paulistanos importantes fontes para compreender de que forma o esporte narrado e divulgado em suas páginas tratava da presença das mulheres. Segundo as autoras, havia uma contrariedade nas narrativas, que ora ressaltavam as performances das atletas e dos clubes, dando ênfase ao desempenho das *sportwomen*, ora criticavam a ação das mulheres na arena esportiva, considerando excessivas suas participações.

Em busca dessas narrativas, selecionamos aqui um jornal e uma revista para a constituição das fontes de pesquisa. A revista *A Onda* circulou na cidade de Campinas entre 1921 e 1924, totalizando 70 números. Ela foi uma grande expoente dos eventos sociais campineiros e um espaço ampliado de divulgação das ações esportivas ocorridas na cidade, especialmente do CCRN (CORRÊA, 2014). O jornal *Correio Paulistano* foi um dos maiores do Brasil e o primeiro a ter tiragem diária na cidade de São Paulo. Sua importância para os esportes aquáticos se deu por esse jornal ter inaugurado, já em 1904, uma seção exclusiva para narrar os eventos realizados pelos clubes de regatas da cidade, chamada *rowing*. De acordo com Gois Júnior (2017), as relações desse jornal com a identidade moderna paulistana, como assim a denominava em seus editoriais, torna-o uma fonte interessante para a análise de diversos projetos e discursos em relação à cidade, em que se incluíam, certamente, as práticas esportivas.

### *A “mola impulsionadora do progresso esportivo”: os ideais do remo esportivo*

O remo foi um dos mais importantes esportes modernos desenvolvidos na Inglaterra. Sua prática teve início no século XVIII, se consolidou no século XIX e, nos primeiros anos do século XX, já havia se enraizado em diversos outros países (DODD, 1991).

Esse esporte carregava consigo ideias bastante modernas sobre o papel social do esporte; sua prática significava uma virada nas relações com

o corpo, a saúde e a educação. Mundo afora essa prática recebia a adjetivação de diversão saudável e foi com esses pressupostos que o remo chegou ao Brasil (MELO, 1999).

Uma das características centrais do remo, na forma como ele se desenvolveu no Brasil, era sua relação estrita com o código amador. Desde suas primeiras regras instituídas, que delimitavam quem deveria participar das regatas e de que forma se daria essa participação, havia uma caracterização muito específica a respeito de quais eram as atitudes que deveriam ter os amadores e como elas se diferenciavam das profissionais.

O primeiro estatuto amador da Federação Paulista das Sociedades de Remo – federação que agrupava os clubes remadores do estado de São Paulo –, datado de 1907, era baseado nas diretrizes da Federação Brasileira das Sociedades de Remo, diretrizes estas traduzidas de estatutos ingleses (NICOLINI, 2001). Em suas linhas era possível ler que seriam excluídos da prática federativa os profissionais e aqueles que tivessem uma profissão não compatível com o nível social e moral exigido para a prática dos esportes aquáticos. Inúmeras alterações foram feitas nas regras e nos estatutos concernentes a esse esporte no estado de São Paulo, mas essas restrições relativas aos praticantes perduraram por muito tempo.

Segundo Bourdieu (2003, p. 140), a constituição do campo esportivo esteve intimamente ligada ao que chama de uma “filosofia política do esporte”, de raízes aristocráticas, e cujo ápice seria a teoria do amadorismo, a ideia de que o esporte deveria ser praticado de maneira desinteressada, configurando-se em uma escola de virilidade, formação de caráter e, principalmente, de pessoas que quisessem vencer conforme as regras, ou seja, a partir da disputa justa, do *fair play*. Conforme Holt (2006), a noção de amadorismo traria em si um conjunto de práticas e valores que, entre outras coisas, se opunha radicalmente ao profissionalismo e à aposta. Analisando especificamente o contexto inglês, este historiador conclui que o amadorismo “tinhas suas raízes igualmente na vida material das classes médias e no estilo visual e na virtude patricia das classes superiores” (HOLT, 2006, p. 367), característica que permitiu ao ideal de amadorismo expandir-se para além dos muros das *public schools*. O esporte, portanto, contribuiria para a educação do jovem burguês, inculcando-lhe o espírito da vitória, da conquista, ao mesmo tempo em que o ensinava a governar a si mesmo, a atuar conforme as convenções. A moral esportiva se elaborava, em suma, por meio do exemplo, da ética no jogo, da pacificação, da obediência às regras e do espírito de vitória (VIGARELLO, 2008a).

Todas essas características, bastante evidenciadas nas competições de remo instituídas de forma federativa, se relacionavam intimamente com o papel esperado para os homens na sociedade da época (SCHWEINBENZ, 2010). Elas se ligavam com questões que suplantavam a força corporal: era preciso uma força mental, um domínio de si, adjetivos explicitamente conectados com as ideias masculinizadas de coragem, espírito de equipe e sociabilidade cavalheira (TAYLOR, 2020). Os valores amadores tinham uma íntima relação com o sucesso social dos homens de classe média, sua capacidade de liderança e sua ação no meio público (TAYLOR, 2020).

As revistas dos clubes paulistanos celebravam os benefícios da prática do remo, esporte que promovia a “verdadeira aliança do cérebro com o físico” (COMO SE FAZEM..., 1940, p. 2). O remo significava, na visão dos clubes, mais do que um simples esporte; ele era a “mola impulsora do progresso esportivo” (COMO SE FAZEM..., 1940, p. 2).

Em revista publicada pelo Clube Esperia (O VALOR..., 1929, p. 12), o remo foi considerado o esporte mais completo ali praticado, em diversos âmbitos: tecnicamente “não ha esporte em que os detalhes tenham maior importância”; socialmente, “o remo é o mais cooperativo dos esportes, elle não admite nem mesmo o isolamento dos grupinhos”; psicologicamente, o remo foi considerado o mais higiênico dos esportes, pelo “caracter calmante do automatismo que nelle é indispensável”; e, fisicamente, o remador “sente-se satisfeito por perceber que é uma machina pensante e por sentir, a cada remada, como nelle a força se forma”. A formação do caráter dos participantes era associada às ideias da prática do esporte como um expoente da higiene e da força.

Para além das características morais esperadas dos praticantes do remo, bastante associadas aos papéis masculinos da sociedade da época (SCHWEINBENZ, 2010), a este esporte era atribuída outra característica importante: suas exigências físicas. De acordo com Schweinbenz (2010), as destrezas físicas atribuídas ao remo confirmavam que esta prática contrastava com os ideais de feminilidade heterossexual.

Dominado pela força, pela intensidade e pela resistência, esse esporte era quase que diretamente associado à prática masculina. Diferentemente do tênis e da natação, esportes nos quais as mulheres já competiam em torneios internacionais, o remo levou certo tempo para ter sua prática regulamentada entre as mulheres. Os discursos médicos, que refletiam crenças populares sobre a natureza das mulheres e seu papel social (VERTINSKY, 1994), ampliavam os ecos de que o organismo das mulheres era inapropriado para

as demandas físicas do remo (SCHWEINBENZ, 2010). Para Taylor (2019), a diferenciação das práticas de remo entre mulheres e homens encontrou ecos na ideia de diferenciação dos papéis esportivos por via dos sexos biológicos.

Todas essas questões somadas acabaram por dificultar a prática competitiva das mulheres em um cenário federativo e internacional. Embora a primeira corrida de oficial de remo por mulheres na Inglaterra tenha ocorrido em 1919 (HARGREAVES, 2003) e a Women's Amateur Rowing Association (WARA)<sup>4</sup> tenha sido criada neste mesmo país em 1923, a participação das mulheres na comunidade do remo inglês foi marginal até 1973 (TAYLOR, 2019). A respeito de práticas competitivas, a FISA (Fédération Internationale des Sociétés d'Aviron) sancionou a primeira copa europeia de remo apenas em 1954. O primeiro torneio internacional feminino ocorreu apenas em 1974 e só nas olimpíadas de 1976, em Montreal, as mulheres participaram pela primeira vez dessa modalidade (TAYLOR, 2018a; 2019).

No Brasil, há poucos indícios na literatura científica sobre a participação das mulheres nos torneios de remo, ou mesmo em outras funções dentro dos clubes de regatas no início do século XX. De acordo com Melo (2007) e Licht (1986), as primeiras experiências com o remo de mulheres no Rio de Janeiro se deram na década de 1880, com remadoras francesas que o praticavam de forma não competitiva. Melo (2007) aponta ainda que, na mesma época, as “irmãs Fox”, inglesas, também remavam em São Cristóvão. Algum tempo depois houve a criação do Grupo de Regatas Feminino da Ilha de Pombeba, de diretoria formada por mulheres. Afirma Melo (2007) que esse grupo não sobreviveu muito tempo e disputou apenas uma prova. Algum tempo depois, foram encontrados indícios de que houve outra regata promovida em 1911, pelo Clube de Regatas Boqueirão do Passeio (LICHT, 1986; MELO, 2007; GOELLNER, 2005).

Silva, Pereira e Mazo (2011) identificam a participação de mulheres nas associações de remo de Porto Alegre entre o fim do século XIX e o início do XX. Conforme as autoras, embora esporadicamente se encontre

4 De acordo com Taylor (2018a), a formação da WARA, na Inglaterra, marcou significativas mudanças na organização e na aspiração dos esportes de mulheres. Entretanto, até 1973 o *status* e o papel das mulheres na comunidade do remo inglês foi bastante marginal. As conquistas agregadas à fundação da Associação foram acompanhadas de diversos percalços no percurso das mulheres dentro desse esporte (TAYLOR, 2019).

a presença de mulheres, tanto em espaços destinados à prática como em outras tarefas executadas nos clubes de regatas, havia uma participação bastante desigual em relação aos homens nos eventos ligados ao remo.

Analisaremos, a partir de agora, os indícios da prática de remo por mulheres no estado de São Paulo, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, momento em que, no cenário nacional, essa prática se instituiu e se institucionalizava. Onde estariam as remadoras nesse processo?

### *“O ELEMENTO FEMININO REALÇA A COMPETIÇÃO”: OS BATISMOS DE BARCO E AS ESPECTADORAS*

Era bastante comum que as mulheres participassem do ritual esportivo do remo a partir do batismo dos barcos. Em Porto Alegre, Silva, Pereira e Mazo (2011) narram a história de Elisa Bins, que auxiliou financeiramente o Ruder Club Porto Alegre para a importação de seus primeiros barcos. A partir de então, o clube batizou um dos barcos com o nome da madrinha e adotou a estratégia de convidar mulheres para esta solenidade como uma tradição.

Melo (2007) também aponta que as baleeiras — barcos utilizados nas primeiras provas de remo disputadas no Rio de Janeiro — eram consideradas pelos remadores quase que seres vivos, companheiras de provas. Por conta dessa relação, eram batizadas com nomes femininos.

Em São Paulo, a prática também era bastante difundida entre os clubes de regatas. Festejos inteiros eram organizados para que um barco novo recebesse seu batismo, movimentando o aspecto social dos clubes. Tais eventos tinham uma importância grande na difusão de modos de comportamento de seus associados e sustentavam a ideia de que os clubes esportivos tinham relevância nas novas representações dos papéis sociais dos indivíduos (RIOUX, 1986; ARNAUD, 1986).

Um dos clubes em que essa prática era mais difundida era o Esperia. A associação possuía uma oficina de barcos que, a partir de 1914, começou

também a fabricar as próprias embarcações competitivas.<sup>5</sup> Nesse clube, o batismo dos barcos ocorria no mesmo dia dos festivais internos, em que outras competições esportivas aconteciam:

Em um dos intervallos da parte esportiva foi baptisado um “out-rigger” a 4 remos, construído nas oficinas do Esperia e que recebeu o nome de “Letizia”. A seguir a directoria offereceu uma taça de champanhe, tendo fallado o dr. João de Lorenzo que agradeceu o comparecimento de todos, o que só serviu para maior brilhantismo do festival do Esperia. (O NOSSO... 1933, p. 13-14)

As convidadas para participar de tais solenidades eram, em geral, associadas dos clubes, mas não obrigatoriamente tinham relação direta com a modalidade. Além disso, nem todas as associadas eram convocadas para representar tal papel: nas fontes analisadas, tal honraria era exclusividade de condessas, esposas de almirantes e mesmo esposas de conhecidos industriais (CLUB..., 1926). O significado social do batismo dos barcos suplantava a mera participação esportiva.

Esses eventos realizados no Clube Esperia possuíam um caráter misto, já que congregavam eventos social e esportivo. Entretanto, os participantes não desempenhavam todos os papéis; as madrinhas de embarcações, por exemplo, tinham a tarefa específica de agir especialmente na primeira categoria. As fotos das solenidades, estampadas nas revistas mensais produzidas pelo clube, deixam evidente — principalmente pelas roupas portadas — que essas mulheres se dirigiam a esse espaço somente com o intuito de participar da parte social do evento.

5 Durante a Primeira Guerra Mundial o Brasil passou por um intenso projeto de substituição de importações, dadas as precárias condições de fornecimento de materiais. Um dos elementos que deixou de ser importado foi o barco de competição, que costumava vir da Europa, já com pesos e medidas previamente estruturados. Então, a casa de barcos do Clube Esperia começou a produzir seus próprios barcos, tornando-se uma das fornecedoras de embarcações para os clubes de remo do estado (MEDEIROS, 2021).

**FIGURA 1 – Batismo de barcos no Clube Esperia.**

FONTE: As Festas..., 1934, p. 10.

No C.C.R.N. o cenário era bastante parecido. Às mulheres era destinado o papel de serem madrinhas das guarnições e posavam para as fotografias com vestidos e chapéus, símbolos de uma classe média em formação na época.

**FIGURA 2 – Remadores e madrinhas de barcos, C.C.R.N.**



FONTE: SEÇÃO..., 1921, p. 9.

Outra questão evidenciada foi a presença das mulheres nas arquibancadas dos páreos de remo. O espetáculo esportivo tornava-se, cada vez mais, objeto de festa, de celebração coletiva, de efervescência social (VIGARELLO, 2008b). Sevcenko (1992) aponta que na São Paulo da década de 1920 as práticas esportivas estavam em voga e mudavam como os habitantes da cidade se comportavam, especialmente nos finais de semana. As palavras de ordem aos envolvidos com as práticas esportivas eram juventude, ação e modernidade. Conforme o autor, cada vez mais esses espetáculos atraíam o público, empenhado em conhecer e acompanhar as práticas esportivas que faziam morada na cidade.

Os grandes expoentes dessa cultura esportiva na cidade eram os clubes (SEVCENKO, 1992). Suas arquibancadas tornavam-se o lugar ideal para “ver e ser visto”. Acompanhando esse discurso vinha a presença feminina nos eventos esportivos. Segundo o jornal *Correio Paulistano*, eram as mulheres que abrihantavam as competições de remo:

Com um programma excellente, a Federação Paulista das Sociedades de Remo effectuou hontem, na enseada do Vallongo, a sua annunciada regata annual [...].  
A festa nautica de hontem alcançou brilhante successo, notando-se uma assistencia numerosissima, onde se distinguia o elemento feminino, que empresou, dest’ arte, magnifico realce á competição (FEDERAÇÃO..., 1921, p. 4).

A presença das mulheres como elementos de beleza e sofisticação no esporte (SCHPUN, 1999) era uma constante nas narrativas dos jornais e das revistas dos próprios clubes, como no trecho que narrava um evento ocorrido entre remadores do clube Esperia: “como sempre, quando se realizam festas esportivas, nota-se exhuberancia de alegria e moças bonitas” (ESPERIA, 1933a, p. 9).

A presença das mulheres era também uma estratégia utilizada nas publicações aqui analisadas. As revistas e jornais, quando relatavam a grande assistência dos eventos de remo em São Paulo ou Campinas, ocupavam-se de retratar as mulheres em quase todas as fotos, como uma propaganda daquilo que ofereciam os clubes a seus associados. Por exemplo, na revista *A Onda*, em matéria chamada “O que era o Clube” (1921), em primeiro

plano se localizavam as mulheres que assistiam às regatas, demonstrando a importância imagética dada às mulheres nesse contexto.

**FIGURA 3 – Clube Campineiro de Regatas e Natação.**



FONTE: Clube..., 1921, p. 11.

Emprestar beleza, graça e feminilidade às competições era uma das funções que se atrelava à mulher no cenário esportivo deste período (GOELLNER, 2007; MOURÃO, 2000). Entretanto, as diretrizes médicas

e sociais a respeito da prática de exercícios por mulheres se alteravam mundo afora e ecos dessas novas representações chegavam ao Brasil.<sup>6</sup> Embasadas principalmente nas diretrizes médicas, eugênicas e higiênicas (VERTINSKY, 1994), as novas concepções relativas à necessidade de realizar exercícios físicos invadiam os espaços dos clubes. Ao mesmo tempo em que as representações menos ativas das mulheres eram evidentes nos clubes, o incentivo à prática de exercícios também se tornou uma constante. No período analisado nesse artigo, ambas as representações se destinavam às mulheres associadas aos clubes de regatas.

As revistas publicadas pelo clube Esperia, que se incumbiam da tarefa de divulgar eventos, feitos extraordinários e outras ações a seus associados, se recheavam de incentivos à prática de exercícios às mulheres; de acordo com elas, “outro meio não existe, a não ser a pratica systematica e methodica dos esportes, para a conquista da saúde, principal factor de beleza” (A MULHER..., 1934, p. 25). Muito mais do que exercícios, a prática dos esportes passou a ser indicada e recomendada para as mulheres. Não era suficiente acompanhar as competições, batizar os barcos, contemplar as regatas: era a ação que mudaria a condição das mulheres associadas aos clubes. Seria o remo, o esporte da força, agilidade e persistência, o esporte mais indicado para essa realização?

## *MULHERES AO REMO: DIVERTIMENTO E COMPETIÇÕES*

No cenário internacional, o ano de 1923 foi bastante emblemático para a prática do remo pelas mulheres. Nesse ano, como já mencionado, houve a fundação da WARA, que marcou significativas mudanças na organização e nas aspirações do remo e, de forma mais ampla, dos esportes de mulheres na

6 De acordo com Vertinsky (1994), foi inegável a influência histórica das crenças médicas e valores na percepção dos exercícios físicos para as mulheres desde o final do século XIX. Para a autora, esses discursos afirmaram ou coibiram as práticas esportivas por parte das mulheres, apoiados supostos papéis biológicos e sociais que elas deveriam exercer. Dessa forma, o apoio ou a desaprovação de determinadas práticas esportivas passava pelo crivo desse discurso.

Inglaterra (TAYLOR, 2018a). Essa organização foi fundada com o intuito de alinhar a participação das mulheres nos torneios de remo, em clubes ou em meios universitários. De acordo com Taylor (2018a), não houve uma quebra de paradigmas com relação a alguns ideais da modalidade. Logo, a associação se caracterizava como excludente, conservadora e destinada às classes mais altas. Os ideais amadores, que demarcavam as práticas masculinas, também se faziam hegemônicos no contexto das mulheres.

Ainda assim, a WARA foi responsável por transformar diversos paradigmas no remo inglês, incluindo-se a competitividade das práticas femininas. Taylor (2019) afirma que a participação das remadoras nos Jogos Olímpicos era o maior desejo da entidade, sendo identificada como uma prioridade nas atas das primeiras reuniões realizadas. Para Schweinbenz (2010), entre adesões e resistências, essa foi a forma que as mulheres encontraram de se organizar competitivamente nesse esporte, no cenário inglês.

Essa movimentação internacional do remo competitivo de mulheres não passou despercebida dos jornais paulistanos, dedicados a narrar todas as novidades esportivas da época. O jornal *Correio Paulistano* trouxe, em nota publicada no mesmo ano da fundação da WARA, os resultados do campeonato de remo da Europa. De acordo com o jornal, a vencedora da competição disputada em Roma foi a remadora Diadora, dentre oito concorrentes (O CAMPEONATO..., 1923).

As ações das remadoras mundo afora eram acompanhadas de perto pela imprensa esportiva paulistana. Em 1926, os feitos da *sportwoman* Miss Violet Cordery foram narrados nas páginas do *Correio Paulistano*. Além das corridas de resistência realizadas pela atleta, o remo foi ressaltado como uma de suas modernas práticas esportivas (A VOLTA..., 1926).

O remo, depois de sofrer uma forte resistência por parte dos médicos por sua intensidade vigorosa, passou a contar com o incentivo desta classe no cenário internacional. De acordo com Vertinsky (1994), o esporte era considerado uma boa prática para a saúde feminina, desde que praticado com moderação e de forma não competitiva; ele enrijecia os músculos, fortalecia as costas e aumentava a força respiratória dos pulmões, características bastante importantes no discurso da época.

É emblemático notar nos apontamentos de Vertinsky (1994) que as características físicas do remo ganhavam evidência, desde que o esporte não fosse praticado de forma competitiva. Assim, o incentivo a esta prática por parte das mulheres vinha acompanhado de adjetivações voltadas à saúde e

ao divertimento, fenômeno bem diferente dos rumos que o remo competitivo masculino vinha tomando.

Na vida social paulistana, essa prática era tratada da mesma forma. O remo como divertimento saudável das mulheres era evidenciado nas colunas sociais dos jornais:

O meu domingo

Como sou mulher moderna e eleitora mas boa catholica, vou começar o meu domingo assistindo missa em Igreja [...]

Cumprida essa obrigação primacial, trato dos esportes do meu agrado, que são remo, pedestrianismo e natação.

Isso enrija e embeleza o corpo e faz bem á alma [...]

E com esse programma domingueiro julgo-me felicissima (DUBOIS, 1935, p. 4).

Nos clubes de regatas, as referências que exaltavam o remo como um divertimento saudável às mulheres também se multiplicavam. Distintos eventos que remetiam à prática do remo passaram a contar também com a presença das remadoras.

Um dos eventos comuns da época eram as excursões de barco, que consistiam em visitas de um clube a outro utilizando as vias fluviais existentes na cidade. Em 1933, os remadores do Esperia partiram do rio Tietê em direção ao rio Pinheiros, onde seriam recebidos com um festejo organizado pelo clube Germânia, localizado em suas margens. Ao todo, três embarcações se dirigiram ao clube, uma delas comandada por “senhoritas”:

A partida deu-se precisamente ás 7 horas figurando na frente da flotilha uma guarnição de senhoritas.

Já era mais de meio dia quando o barco-vigia do Germania entrou para o ancoradouro para avisar a aproximação da caravana. De todos os lados surgiram pessoas a correr para o local do desembarque.

Pouco depois, na curva do rio, surgiu vigoroso o barco “Favorita”, com uma guarnição feminina. E, em poucos momentos, sob intensa vibração de palmas e saudada por uma salva de morteiros, alinhou-se alli no ancoradouro a flotilha esperiota [...] (VISITA..., 1933, p. 12).

A esta visita realizada pelos remadores do Esperia seguiu-se uma excursão, que tinha como objetivo retribuir o evento. Assim, em 1934, os remadores do Clube Germânia realizaram uma grande excursão. O percurso consistia em descer o rio Pinheiros, atingir o rio Tietê e chegar até Barueri. Nessa cidade, os barcos ficaram guardados até a semana seguinte, quando os remadores voltaram para buscá-los e conduziram as embarcações até o clube Esperia, no qual eram esperados (OS REMADORES..., 1934). Duas das embarcações conduzidas para essa excursão eram patronadas<sup>7</sup> por mulheres, Erna Hofstetter e sra. Witecy.

Ao mesmo tempo em que os clubes da cidade de São Paulo e do interior do estado ampliavam o número de festas, eventos sociais e competições internas, sua organização institucional refletia mudanças na prática desse esporte. As primeiras competições ocorridas na cidade de São Paulo datam de 1903, entre clubes paulistanos e santistas (GALLOTA; PORTA, 2004). No ano seguinte, 1904, foram realizadas as primeiras disputas entre clubes da própria cidade (CLUB... 1904) e, alguns anos depois, competições envolvendo também equipes do interior (MUSA; MEDEIROS; SOARES, 2021).

Esses primeiros eventos narrados se caracterizavam muito mais como “festas sociais”, em que diversas práticas ocorriam, incluindo-se, aí, as competições de remo. Nota-se que, *a priori*, havia pouca especialização competitiva. Nos eventos realizados, não havia a divulgação da arbitragem, nem dos percursos percorridos; a competição podia até mesmo ser alterada pelo clube organizador, caso algo ocorresse, sem que fosse necessário avisar previamente os oponentes (MEDEIROS, 2021).

De acordo com Medeiros (2021), o remo passou por um intenso processo de esportivização no estado de São Paulo a partir da década de 1930. Isso significa que foram criados amplos aparatos de regulamentação das práticas, na tentativa de torná-las mais competitivas. Uma das principais maneiras de regular a prática desse esporte no estado foi a partir da criação das Federações.

No Brasil, a primeira federação ligada à regulamentação dos esportes aquáticos foi a União de Regatas Fluminense, criada no Rio de Janeiro em 1895 (MELO, 1999). Em 1902, essa União se transformou na Federação Brasileira das Sociedades de Remo, com o intuito de controlar a prática dos

7

O termo “patrão” se refere aqui à pessoa que dirige o barco e incentiva os remadores.

esportes aquáticos no país. De acordo com Melo (1999), São Paulo foi um dos estados que resistiu à governança dessa Federação e resolveu criar suas próprias entidades.

Em 1904, em ação conjunta dos clubes de regatas de São Paulo e de Santos, foi criada a União Paulista das Sociedades de Remo. Em 1907, após mudanças conjunturais, se formou a Federação Paulista das Sociedades de Remo<sup>8</sup>, que organizou páreos competitivos no estado, bem como legislou sobre os barcos a serem utilizados, o regulamento das competições e o local em que elas deveriam ser realizadas (NICOLINI, 2001). Essa regulamentação das práticas, somada à unificação das regras e dos materiais esportivos, permitiu que os remadores do estado de São Paulo comessem a disputar torneios nacionais e internacionais, garantindo inclusive sua participação nos Jogos Olímpicos, em 1932 (O REMO..., 1935).

Os clubes de regatas, e mais tarde as federações, se incumbiram de realizar torneios, definir as regras de disputa, inserir juízes, marcas e escolher os locais de competição. Além disso, os clubes empreenderam processos de treinamento a seus atletas, visando à melhoria da performance e ao aumento da competitividade em níveis nacional e internacional. O conjunto desses elementos, quando analisado na extensão das décadas ora analisadas, acabou por transformar a prática do remo, fazendo com que ganhasse um contorno mais competitivo, institucionalizado e regulamentado, semelhante à prática esportiva realizada ao redor do mundo.

Nos interessa saber aqui como essa esportivização e especialização influenciou no remo realizado pelas mulheres. Como visto, as mulheres eram participantes ativas de atividades de divertimentos e festivais internos nos clubes. A transformação do remo em um esporte mais competitivo mudou também os rumos da prática feminina, já presente nos clubes?

Por um lado, é possível afirmar que as mulheres também foram inseridas nos processos mais competitivos do remo paulista. O aumento do nível de competitividade estadual fez crescer a necessidade, nos clubes, de realização de eventos internos. Nesses eventos seria possível avaliar os atletas e selecionar os mais aptos para as disputas com as outras agremiações.

8 Diversas divergências se estabeleceram no seio dessa Federação, que foi dissuadida em 1936 para a criação da Federação Paulista de Remo, que incluía clubes do interior do estado em seus quadros (O TIETÊ - S. PAULO, 1936). Em 1937, após todas as cisões solucionadas, foi criada a Federação do Remo de São Paulo, que passou a reger as práticas da modalidade em 1938 (RELATÓRIO..., 1938).

Assim, em nível interno foi possível perceber um aumento no número de competições femininas. Os eventos internos do Clube Esperia se acercavam de competições entre mulheres, que eram noticiadas nas páginas de sua revista mensal. Em 1933 o clube realizou um piquenique no Parque S. Jorge, região leste da cidade. Para este evento, uma competição foi feita entre as embarcações da agremiação até o destino. Dentre as embarcações que participaram da prova de resistência estava a guarnição das irmãs Guerrini e Margarida Maccheretti, que remou sem parar de um ponto até o outro e, segundo a revista do clube, “deixou para traz muitas guarnições de marmanjos...” (ESPERIA, 1933b, p. 17).

Outro elemento bastante associado às novas pretensões do remo paulista era o treinamento. De acordo com Vigarello (2008a), o treinamento chegou ao esporte associado aos paradigmas da ciência e transformou as relações entre progressos, medidas, eficácias e potencialidades. Quando mais e mais bem treinado, melhor seria o resultado do atleta em questão.

As remadoras dos clubes ora analisados também passaram a treinar. Diversas imagens publicadas nas revistas apontam as remadoras vestidas em uniformes, em uma embarcação sozinha no rio, remando. Em geral, um homem se posicionava como patrão das embarcações, funcionando também como um treinador. Não há muita descrição dessas atividades: seriam os treinamentos voltados para a melhoria das performances competitivas ou apenas para questões de saúde?

**FIGURA 4 – Remadoras em evento social da Associação Atlética S. Paulo, s/d.**

FONTE: Acervo da Associação Atlética São Paulo.

É possível perceber, portanto, que o remo como prática das mulheres associadas aos clubes de regatas foi algo recorrente no período ora analisado. Em São Paulo, nos clubes, essa prática cada vez mais ganhava adeptas e, mais do que isso, visibilidade nas associações. Em Campinas, diferentemente, não foram encontradas referências às práticas de remo entre as associadas do C.C.R.N.

Apesar dos indícios de crescimento da prática do remo entre as associadas dos clubes paulistanos, no nível federativo não houve um incentivo tão grande do remo esportivo entre mulheres. As federações paulistas criadas ao longo das primeiras décadas do século XX não promoveram competições em massa que contassem com a participação das mulheres.

Nas edições do jornal *Correio Paulistano* aqui analisadas, foram encontradas reportagens que narraram a prática competitiva feminina. Entretanto, tratava-se de competições infantis, realizadas entre os colégios da

cidade de São Paulo (REMO, 1920; TRANSCORRERAM..., 1937). Embora sejam categorizadas como provas competitivas, elas não eram tuteladas pela Federação de Remo e, dessa forma, não eram consideradas provas oficiais federadas.

Sob a tutela da Federação Paulista das Sociedades de Remo (e, posteriormente, Federação Paulista de Remo) foi encontrada apenas uma prova feminina. Em maio de 1932 a revista do Esperia publicou os resultados obtidos na regata oficial realizada naquele mês; tratava-se da regata inaugural da Federação naquele ano, composta por 15 páreos. O sétimo páreo da competição foi disputado por mulheres, com duas embarcações, ambas do clube Esperia. A competição, que tinha como distância total 500m, e não 2000m, como as demais, foi vencida pelo patroneiro Amilcar Salmaso e as remadoras Lydia Gonçalves e Mathilde Dupré (MAIS..., 1932). Em outra revista do clube, publicada em janeiro de 1933 com um balanço das atividades esportivas do ano anterior, foi revelado que essa foi a única regata oficial disputada no ano e constou no livro de vencedores do clube o nome das duas embarcações femininas (REMO, 1933).

## CONCLUSÃO

Nas pesquisas baseadas nos documentos disponibilizados nos clubes de regatas de São Paulo e Campinas selecionados para este artigo foi possível perceber que as mulheres participaram do desenvolvimento da prática do remo nos clubes da cidade. Isso se deu de duas formas, direta ou indiretamente.

Indiretamente, as mulheres foram alçadas, nos clubes de regatas, a espectadoras ou madrinhas de embarcações. Essas práticas, muito mais do que esportivas, diziam respeito aos eventos sociais promovidos pelos clubes. Para Hobsbawn (2012), a institucionalização dos esportes, promovida pelos clubes mundo afora, constituiu um mecanismo de reunião de pessoas de mesmo *status* social e, sobretudo, uma nova atribuição de papéis às mulheres associadas. Nos clubes ora analisados, ficam evidentes o papel dos eventos sociais dos clubes de regatas e a forma como as mulheres eram inseridas nessas atividades.

Por outro lado, concomitantemente, nas décadas de 1920 e 1930, um discurso sobre a prática esportiva das mulheres e seus benefícios já estava totalmente constituído nos clubes de regatas. As novas asserções a respeito dos benefícios das práticas esportivas à saúde e à higiene se disseminavam e, com elas, as diretrizes dos clubes voltadas ao desenvolvimento dos esportes para mulheres.

Entretanto, os mesmos clubes que promoviam a natação, e que formaram grandes campeãs na modalidade (DEVIDE, 2017; MATHIAS; RUBIO, 2010; DEVIDE; VOTRE, 2012), não se dedicavam ao incentivo do remo da mesma forma. É possível inferir que, mesmo com algumas alterações nos significados sociais e morais do remo, essa modalidade ainda era associada a características esportivas ditas masculinas e sua difusão nos clubes ora analisados não se deu da mesma forma que a natação.

As conclusões desse trabalho vão de encontro às afirmações (ou à falta de informações) existentes na literatura brasileira sobre o remo de mulheres. Quando se analisa os estudos realizados até o momento, há uma lacuna de informações entre o começo do século XX e os anos 1950, momento em que surgiram as primeiras competições regulamentadas pelas federações nacionais. Essa falta de informações deixa a impressão de que, ao longo dessas décadas, o remo não foi praticado pelas mulheres no Brasil.

Entretanto, de acordo com artigos indiciários encontrados nas fontes, as mulheres paulistanas, associadas aos clubes esportivos, remavam. O que houve, na realidade, foi a ausência de práticas competitivas oficiais. Embora as remadoras praticassem esse esporte nos clubes de regatas, as competições tuteladas pela FPSR eram escassas; nas fontes analisadas nessa pesquisa encontramos apenas um páreo feminino disputado entre as décadas de 1920 e 1930.

Schweinbenz (2010) afirma que, ao longo da história do remo de mulheres, grande parte de seu desenvolvimento se deu “intramuros”, ou seja, sem a visibilidade das grandes competições. Em São Paulo e Campinas, de acordo com as fontes encontradas, é possível fazer a mesma afirmação: o remo de mulheres resistia às desaprovações e ocorria mesmo sem o apoio institucional federativo.

## REFERÊNCIAS

A MULHER e os esportes. *Esperia – Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 25, fev./mar. 1934.

A VOLTA ao mundo em 20 dias. *Correio Paulistano*. São Paulo, n. 22538, p. 3, 23 abr. 1926.

ARNAUD, Pierre. Pratiques et pratiquants: les transformation de la sociabilité sportive. L'exemple de Lyon et du département du Rhône entre 1850 et 1914. In: ARNAUD, Pierre; CAMY, Jean. *La Naissance du mouvement sportif associatif en France: sociabilités et formes de pratiques sportives*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1986.

AS FESTAS joaninas deste anno. *Esperia – Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 10, mar./abr. 1934.

BOOTH, Douglas. Sites of Truth or Metaphors of Power? Refiguring the Archive. *Sport in History*, London, v. 26, n. 1, p. 91-109, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Lisboa (Portugal): Fim de Século, 2003.

CLUB Campineiro de Regatas e Natação. *A Onda*. Campinas, v. 1, n. 4, p. 11, 26 jun. 1921.

CLUB Esperia. *Correio Paulistano*. São Paulo, n. 14735, p. 3, 20 abr. 1904.

CLUB Esperia. *Correio Paulistano*. São Paulo, n. 22762, p. 9, 3 dez. 1926.

COMO SE FAZEM campeões de remo. *Tietê – Revista do Club de Regatas Tietê/SP*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 3, jan. 1940.

CORRÊA, Livia Cristina. *Campinas n'A Onda: a revista inscreve a cidade na modernidade (1921-1924)*. 2014. 132f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2014.

DEVIDE, Fabiano Pires. Reflexões sobre o uso da linguagem e da imagem na pesquisa histórica do esporte: a trajetória de Blanche Pironnet na história das mulheres no esporte no Brasil. *Movimento*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 675-688, jun. 2017.

DEVIDE, Fabiano Pires; VOTRE, Sebastião. Primórdios da natação competitiva feminina: do “páreo elegância” aos Jogos Olímpicos de Los Angeles. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 34, p. 217-233, 2012.

DODD, Christopher. *The story of world rowing*. London: Stanley Paul, 1991.

DUBOIS, Andrea. O meu domingo. *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 24304, p. 4, 16 jun. 1935.

ESPERIA – Revista Mensal do Club Esperia, São Paulo, v. 5, n. 52, p. 9, fev. 1933a.

ESPERIA – Revista Mensal do Club Esperia, São Paulo, v. 5, n. 52, p. 17, fev. 1933b.

FEDERAÇÃO Paulista das S. do Remo. *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 20971, p. 4, 21 nov. 1921.

FEREZ, Sylvain. From Women’s Exclusion to Gender Institution: A Brief History of the Sexual Categorization Process within Sport. *The International Journal of the History of Sport*, v. 29, n. 2, p. 272-285, 2012. DOI: 10.1080/09523367.2012.641221

GALLOTTA, Brás Ciro; PORTA, Paula. Cronologia: 1890-1954. In: PORTA, Paula (Org.). *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 603-617.

GOELLNER, Silvana. Mulheres e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

GOELLNER, Silvana. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 173-196, maio/ago. 2007.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. A institucionalização da educação física na imprensa: a construção da Escola Superior de Educação Physica de S. Paulo na década de 1930. *Movimento*, v. 23, n. 2, p. 701-714, jun. 2017.

HALLADAY, Eric. *Rowing in England: A social history: the amateur debate*. Manchester: Manchester University Press, 1990.

HARGREAVES, Jennifer. *Sporting Females: Critical Issues in the History and Sociology of Women’s Sports*. London: New York: Routledge, 2003.

HOBSBAWN, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 327-379.

HOLT, Richard. The Amateur Body and the Middle-class Man: Work, Health and Style in Victorian Britain. *Sport in History*, v. 26, n. 3, p. 352-369, 2006. DOI: 10.1080/17460260601065953

JOHNES, Martin. Archives and historians of sport. *The International Journal of the History of Sport*, v. 32, n. 15, p. 1-14, 2015.

LICHT, Henrique. *O remo através dos tempos*. Porto Alegre: CORAG, 1986.

MAIS uma victoria alcançou o Esperia na última regata oficial. *Esperia – Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, v. 4, n. 43, p. 10-11, maio 1932.

MATHIAS, Milena Bushatsky; RUBIO, Katia. As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 24, n. 2, p. 275-284, jun. 2010.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro. Dos desafios aquáticos ao estabelecimento de recordes: aproximação e distanciamento entre práticas esportivas e os rios da cidade de São Paulo (1899-1949). *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 42, p. e2040, 2020.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro. *Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros* (São Paulo, 1899-1949). 2021. 264p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro; DALBEN, André; SOARES, Carmen Lúcia. Education through sports in São Paulo city (1920-1936). *Cadernos de História da Educação*, v. 21, p. 1-10, e065, 2022.

MELO, Victor Andrade. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 41-60, 1999.

MELO, Victor Andrade. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 127-152, dez. 2007.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. *Movimento*, v. 7, n. 13, p. 5-18, 2000.

MUSA, Catharina Ulian; MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro; SOARES, Carmen Lúcia. “Moços intrépidos ao leão da aventura”: o Clube Campineiro de Regatas e Natação e a vida ao ar livre (1918-1935). *Movimento*, Porto Alegre, p. e27045, ago. 2021.

NICOLINI, Henrique. *Tietê: o rio do esporte*. São Paulo (SP): Phorte, 2001.

O CAMPEONATO de remo da Europa. *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 21609, p. 1, 4 set. 1923.

O NOSSO festival do dia 18 de Maio. *Esperia – Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, v. 5, n. 55, p. 13-14, maio 1933.

O REMO nas olimpíadas de Los Angeles. *Tietê – Revista do Club de Regatas Tietê/SP*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 27, jun. 1935.

OS REMADORES do Germânia levaram a efeito uma boa prova de resistência. *Esperia – Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 12, fev./mar. 1934.

O TIETÊ - S. PAULO venceu a 1ª Regata da Federação Paulista de Remo. *A Gazeta – Caderno Esportivo*, São Paulo, v. 10, p. 11, 20 jul. 1936.

O VALOR dos esportes: o remo. *Esperia – Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 12, fev. 1928.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005.

RELATORIO anual. *Esperia – Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, v. 10, n. 1-3, p. 4, jan./fev./mar. 1938.

REMO. *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 25627, p. 8, 20 set. 1920.

REMO. *Esperia – Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 26, jan./fev. 1933.

RIOUX, Jean. Sport et association: remarques de precaution. In: ARNAUD, Pierre; CAMY, Jean. *La Naissance du mouvement sportif associatif en France: sociabilités et formes de pratiques sportives*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1986.

SCHPUN, Monica Raissa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Editora SENAC; Boitempo, 1999.

SCHWEINBENZ, Amanda. Against hegemonic currents: women's rowing into the first half of the twentieth century. *Sport in History*, v. 30, n. 2, p. 309-326, jun. 2010.

SEÇÃO esportiva. *A Onda*, Campinas, v. 1, n. 4, p. 9, 26 jun. 1921.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Carolina Fernandes. *O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul*: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. 2011. 151p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2011.

SILVA, Carolina Fernandes; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice. Uma abordagem historiográfica sobre a participação das mulheres nas associações de remo em Porto Alegre. *Revista Didática Sistêmica*, [S. l.], v. 12, p. 95-109, 2011.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; QUITZAU, Evelise Amgarten. Gênero e sexualidade: perspectivas para a história do esporte. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 2, p. 79-95, 2020.

TAYLOR, Lisa. The Women's Amateur Rowing Association 1923-1963: a prosopographical approach. *Sport in History*, v. 38, n. 3, p. 307-330, jun. 2018a.

TAYLOR, Lisa. From Pleasure Rows and Plashing Sculls to Amateur Oarswomanship: The Evolution of Women's Amateur Rowing in Britain. *The International Journal of the History of Sport*, v. 35, n. 14, p. 1490-1506, 2018b. DOI: 10.1080/09523367.2019.1593147

TAYLOR, Lisa. "What an absurdity": Penny Chuter and the polemics of progress in British rowing during the early 1970s. *Sport in History*, v. 40, n. 1, p. 56-77, maio 2019.

TAYLOR, Lisa. *Stride: a history of competitive women's rowing in Britain, 1945-2000*. 2020. 454p. Tese (Doutorado) – Department of History, Politics and Philosophy of Manchester Metropolitan University, Manchester, 2020.

TRANSCORRERAM brilhantes as provas iniciais da VI Olympiada Infantil. *Correio Paulistano*, São Paulo, n. 24870, p. 8, 13 abr. 1937.

VERTINSKY, Patricia. *Eternally wounded woman: women, doctors and exercise in the late nineteenth century*. Illinois: University of Illinois Press, 1994.

VIGARELLO, Georges. Treinar. In: VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques. *História do Corpo: as mutações do olhar – o século XX*. São Paulo: Vozes, 2008a. v. 2, p. 197-252.

VIGARELLO, Georges. Estádios – o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques. *História do Corpo: as mutações do olhar – o século XX*. São Paulo: Vozes, 2008b. v. 2, p. 445-480.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade*. v. 3 - A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 269-301.

VISITA de confraternização do Esperia ao Germania. *Esperia – Revista Mensal do Club Esperia*, São Paulo, v.5, n. 53, p. 12, mar. 1933.

ENVIADO EM: 22/02/2022  
APROVADO EM: 28/08/2023